

DAR A CARA



JOHAN WENDT

Acredita que a educação não deve depender da família em que se nasce. Por isso dá explicações de Matemática a 80 mil alunos. Por Cláudia Sobral

Quando Johan Wendt era ainda um estudante universitário em Lund, na Suécia, uma das seis crianças que viviam na casa de família em que tinha alugado um quarto pediu-lhe ajuda para um teste de Matemática. Faltavam dois dias e não percebia a matéria. Ele estudou com ela e gostou tanto que lhe pediu para repetirem uma vez por semana. Ao fim de algum tempo já apareciam vários amigos nas explicações.

Isto passou-se há mais de dez anos, mas Johan, um engenheiro civil de 34 anos, gosta de começar conversas por esta história. Depois disso, em Estocolmo, teve vários empregos, mas despediu-se de todos. Precisava de repetir o que tinha feito em Lund. Mas mais a sério, para mais gente.

Ninguém percebeu. Perguntaram-lhe: “Porquê?”. Quando olha para a Suécia, orgulha-se de um país rico e democrático, com educação gratuita para todos. Mas, ao mesmo tempo, um país em que nem todos têm as mesmas oportunidades: “Se os pais de uma pessoa não estudaram na universidade, é provável que ela também não venha a estudar”, diz numa conversa ao telefone com a revista 2. Ele não nasceu numa cidade, nasceu num meio rural e pequeno, mas é filho de professores que, repete, sempre o puderam ajudar. “Em democracia, todos devíamos ter as mesmas oportunidades.”

Por isso fundou em 2008 o Mattecentrum (centro da Matemática), uma organização sem fins lucrativos. Começar a trabalhar foi fácil: pediu a uma escola de Estocolmo uma sala de aulas emprestada nos finais de tarde para dar explicações de Matemática grátis. E autorização para que os alunos de outras escolas pudessem ir também. Tentou recrutar alunos, começaram a aparecer alguns, depois cada vez mais.

O passo seguinte seria tornar-se conhecido: queria chegar a mais alunos, precisava de voluntários, de patrocinadores e de apoios (começou com um orçamento de apenas 2 mil euros, mas acreditava que o seu projecto poderia tornar-se em algo muito maior). Ele

próprio escreveu comunicados de imprensa que enviou para jornais, revistas e televisão. Apareceram os jornalistas e atrás deles outros voluntários e apoios. E cada vez mais estudantes.

Durante os dois primeiros anos, não conseguiu tirar o único salário, conta, e teve de acumular o trabalho com um *part-time*. Hoje a empresa tem cinco trabalhadores na Suécia e outro na Dinamarca.

Johan parece ter encontrado a fórmula para garantir explicações de Matemática àqueles que não conseguem ter mais nenhum apoio fora do tempo lectivo. O que no início era apenas uma sala de aulas de uma escola de Estocolmo, passou a dezenas, espalhadas por 17 cidades suecas, em que 3500 crianças e adolescentes (dos 12 aos 19 anos) aprendem com perto de 350 voluntários (matemáticos, engenheiros, estudantes universitários, professores reformados...). Em vésperas de exames nacionais também montam tendas no centro da capital sueca para maratonas de explicações.

Este ano, o Mattecentrum foi um dos cinco vencedores da Join Our Core, uma competição da empresa de gelados Ben & Jerry para apoiar projectos de empreendedores com novos modelos de negócio sustentáveis e que marquem a diferença nas suas comunidades.

Um dos objectivos de Johan é também tentar inverter a tendência de perda de conhecimento em Matemática na Suécia. “Há uns anos éramos dos melhores do mundo, agora não somos assim tão bons.” Vários estudos o têm sugerido. Por exemplo, nos testes do PISA (Programme for International Student Assessment), que avalia o desempenho escolar dos alunos de 15 anos dos países da OCDE, os jovens suecos passaram em 2009 (são os números mais recentes) a estar apenas na média da OCDE na área da Matemática (em 2003 estavam acima). “Há empresas na Suécia que fecham porque não há colaboradores jovens bons em Matemática”, afirma Johan. “E ao mesmo tempo temos uma taxa de desemprego jovem elevada.”

A Suécia deixou também de ser um dos países mais bem classificados da OCDE em

termos da uniformidade do sistema de ensino. Johan acredita estar a “promover uma mudança social ao ajudar aqueles que não podem pagar explicações privadas, a quem os pais não podem ajudar, que não têm mais ninguém depois da escola”.

Jenny Widmark, estudante universitária e voluntária do Mattecentrum, conta num texto de apresentação no *site* que se apaixonou pelo projecto por isso mesmo. Porque ela própria sentiu que não tinha as mesmas oportunidades que outros. “Muitas pessoas olham para nós como um dos poucos projectos de integração de sucesso”, diz Johan. Prova disso, acrescenta o jovem engenheiro, é que 35% das crianças que têm explicações com o Mattecentrum são imigrantes ou descendentes de imigrantes.

Johan volta a falar na sua infância, passada num lugar como tantos outros a que o Mattecentrum nunca teria meios para chegar. Foi para poder estar fora das cidades que criou, em 2009, o Matteboken, um *site* para estudar Matemática *online*. Organizou a matéria do programa curricular sueco por temas, gravou 600 vídeos com professores, criou exercícios e problemas. Existe ainda um fórum, em que os alunos podem tirar dúvidas e, garante ele, obter resposta no espaço de uma ou duas horas. Johan diz que são 60 mil os jovens a usar o *site*.

Depois foi criado o Mathplanet, em inglês, com o programa dos Estados Unidos, a que recorrem 20 mil alunos – apenas um terço são americanos, a maior parte dos utilizadores vive na Índia, no Paquistão e no Afeganistão. Porquê? Não era um objectivo, mas o Mathplanet tornou-se viral nas redes sociais dos estudantes destes países, explica Johan. No próximo ano, o Mattecentrum expande-se também para o Reino Unido, com um *site* em inglês adaptado ao programa curricular britânico. Ao todo, estão actualmente disponíveis 4000 vídeos na versão em inglês e 5000 na sueca.

Para as crianças dos 10 aos 15 anos, existe ainda outro *site* (<http://www.controlyourmoney.se/>) em que aprendem a gerir o dinheiro

que vão conseguindo juntar, que funciona como um complemento ao ensino médio de Matemática.

As escolas suecas deixaram há uns anos de ter dinheiro para oferecer aos alunos fichas de trabalho. Ele não achou possível que isso acontecesse num país “supostamente rico” – o vigésimo país do mundo a investir maior percentagem do seu PIB, 6,6%, em educação. Criou então o seu próprio formulário numa aplicação para iPhone e Android, que chegou a ser a aplicação de educação mais descarregada tanto na Suécia como na Noruega e na Dinamarca (e ajudou a aumentar a popularidade do Mattecentrum). Também grátis.

Há uma frase que Johan repete a cada cinco minutos: “Tudo para os miúdos é grátis.” Até as bebidas do lanche. Quando lhe perguntamos como consegue fazer com que a empresa sobreviva, ele responde que é graças aos patrocinadores e aos vários apoios. Entre eles estão o Danske Bank, a Volvo ou a Tetra Pak. As salas de aula continuam a ser emprestadas, como na primeira explicação que ele próprio deu a um pequeno grupo de alunos em Estocolmo. E no *site* da empresa, pode consultar-se, por exemplo, uma lista de materiais de que precisam. Coisas tão simples como papel e esferográficas.

Parte da chave para o sucesso, acredita, está não só na qualidade do material que disponibilizam (elaborado pelos pedagogos do Mattecentrum), mas também aí. “Queremos um *site* livre de anúncios de coisas que não têm nada a ver com educação”, afirma o engenheiro sueco. “Acho que os professores também nos sugerem por isso.” Além disso, tudo é feito com base naquilo que os jovens lhes dizem que precisam.

Segundo Johan, desde 2008 já meio milhão de crianças e jovens aprenderam com o Mattecentrum. Nas salas de aula na Suécia ou na Internet por todo o mundo. Depois do Reino Unido e da Dinamarca, planeiam expandir-se para qualquer lugar em que surja a oportunidade.

● <http://www.mathplanet.com/>